

Aprendendo com Os Menores Professores

Em Cores Vivas—Parte 6

Textos Selecionados

Introdução

Uma série de reavivamentos varreu as colônias primitivas da América do Norte nos anos de 1700. O fenômeno ficou conhecido como “O Grande Avivamento.”

Um dos principais pastores desse período foi Jonathan Edwards, o qual influenciou profundamente o movimento com seus muitos escritos e pregações poderosas. No seu sermão mais conhecido, “Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado,” Edwards empregou a imagem de uma aranha pendurada apenas por um fio de sua teia para ilustrar a alma incrédula pendurada por um fio sobre a boca do inferno. Ele implorou que o descrente não confiasse nesse fio, mas corresse para a misericórdia de Deus e confiasse nele para a sua salvação.

Essa analogia entre pecadores e aranhas em suas teias não foi acidental. Jonathan Edwards passava horas e horas estudando as aranhas que balançavam de galhos de árvores para arbustos a fim de tecer suas teias.

Quando eu comecei essa série de estudos na qual pegamos um par de binóculos junto com a Bíblia, um irmão da minha igreja me emprestou um livro escrito por Jonathan Edwards intitulado

“Escritos Elementares.” Edwards gastou muitas páginas desse livro comentando sobre o trabalho das aranhas e a incrível arte de suas teias. O livro inclui seus próprios desenhos de diferentes tipos de fios usados para tecer as teias. Ele escreveu: “Queria descobrir o mistério por trás dessas obras espetaculares.”¹

A propósito, essa declaração nos fornece uma pista sobre esse homem. Quantos de nós olhamos para uma teia de aranha e dizemos: “Rapaz, que coisa incrível!” Isso porque vemos as teias, mas não as observamos de fato e por tempo suficiente.

Nesse livro, Edwards escreve extensamente sobre vários assuntos, desde aranhas e outros pequenos insetos às cores do arco-íris. A natureza como um todo era uma sala de aula na qual o evangelho podia ser ilustrado, o crente edificado, o descrente alertado e a glória do Deus Criador revelada.

Quero compartilhar com você um trecho do livro, que é o testemunho pessoal de conversão de Edwards. Após sua conversão, ele estava caminhando em um pasto próximo de casa para contemplar o evangelho. Posteriormente, ele escreveu:

Enquanto caminhava ali e olhava para o céu e as nuvens, minha mente foi tomada por um

*senso agradável da majestade gloriosa e da graça de Deus. Depois disso, a aparência de todas as coisas mudou. A glória de Deus parecia estar em praticamente todas as coisas. A excelência de Deus, sua sabedoria, pureza e amor pareciam estar em tudo—no sol, na lua, nas estrelas, no capim, nas flores, nas árvores, na água e em toda a natureza. Ver o raio cair e ouvir a voz majestosa de Deus no trovão me fazem contemplar prazerosamente o meu Deus grandioso e glorioso. Com frequência, canto em voz baixa meus pensamentos ao meu Criador e Redentor.*²

Ele não estava apenas vendo, mas observando, ouvindo com atenção, saboreando, aprendendo, aplicando, vivendo, cantando e, por fim, adorando o seu Criador e Salvador.

Um dos nossos problemas como crentes não é que valorizamos demais a natureza, mas que a valorizamos pouco. E isso para o nosso próprio detrimento.

Em nosso encontro anterior, vimos como o sofrimento de Jó e o silêncio de Deus levaram a um passeio no qual Deus mostrou a Jó os maiores animais que ele havia criado—o leviatã no mar e o dinossauro na terra. Ao ver essas criaturas gigantescas e ouvir a descrição e o controle de Deus sobre elas, Jó saiu do desespero para a esperança.

Um autor fez o seguinte comentário para crentes desesperados, desencorajados e solitários: “Quando observamos a obra criativa do Criador, geralmente começamos a sentir, novamente, o toque da mão do Criador.”³

Enquanto em nosso estudo anterior observamos a maior criatura que Deus colocou no planeta e a esperança que ela trouxe para Jó, hoje vou mudar de direção e observar umas das menores criaturas que Deus colocou no planeta. E esses bichos não foram

extintos. Na verdade, cientistas ainda estão no processo de descobrir coisas incríveis a seu respeito.

1. A Abelha.

Desejo começar falando sobre a abelha. Agora, tenho que admitir que outro pregador, Charles Spurgeon—aquele grande pregador do século 19—pregou algumas mensagens sobre a abelha e o favo de mel, algo que descobri nos meus estudos para esta mensagem. Spurgeon fez várias analogias interessantes. Isso despertou a minha curiosidade, então fiz uma busca por termos como “abelha” e “mel” em todos os meus sermões. Obviamente, não estou no mesmo patamar de Spurgeon! Eu nunca preguei sobre a abelha ou o mel. Só mencionei o mel algumas vezes para falar de comida!

Então permita-me corrigir a direção do meu ministério e mencionar a abelha. É algo incrível que elas acontecem de ser um dos menores professores que Deus projetou para nos ensinar verdades profundas que devemos aplicar às nossas vidas.

Um pote de 500ml de mel é fruto do trabalho duro realizado pelas abelhas no decorrer das seis semanas que constituem a época de fabricar mel. A fim de produzir essa quantidade de mel nesse período de seis semanas, milhares de abelhas têm que voar—ao todo e todas elas combinadas—mais de 160 mil quilômetros em busca de néctar, o qual extraem de mais de 4,5 milhões de flores. 160 mil quilômetros e 4,5 milhões de flores—para produzir 500ml de mel. Um autor escreveu: “Cada porção de mel é um jardim condensado dentro da nossa boca.”⁴

Segundo a narrativa de Gênesis 1, Deus criou plantas, flores e a vegetação em geral no terceiro dia da criação. Daí, dois dias depois, ele criou os animais que voam em enxames e bandos—insetos, gafanhotos, pássaros e abelhas. Isso significa que

Deus sabiamente criou primeiro as flores com seus belos desenhos e cores para atrair a atenção das abelhas que criaria 48 horas depois. Dessa forma, as flores seriam polinizadas pelas abelhas e se reproduziriam. As abelhas, por sua vez, teriam acesso ao néctar que utilizariam para fabricar mel e se alimentar dele.

Finalmente, os cientistas estão começando a descobrir como as abelhas enxergam as cores. Uma das coisas que eles descobriram foi que uma flor, apesar de parecer completamente amarela ao olho humano, é vista pela abelha como totalmente branca com uma marca vermelha no centro, como se fosse um enorme alvo. A ciência está descobrindo que plantas e árvores que produzem flores parecem produzir pétalas destinadas a atrair a abelha ao centro da flor, como se tivessem sido pintadas com um alvo no meio.

Meu amigo, nada disso foi resultado de mutações aleatórias no decorrer de milhões de anos. Esse é um relacionamento harmônico projetado pelo Deus criador. Se as abelhas, flores e árvores tivessem evoluído separadamente, cada uma numa época diferente, todas teriam morrido. Flores e frutos precisam das abelhas, e as abelhas precisam do néctar para sobreviver.

Com infinita sabedoria, Deus criou no terceiro dia as flores já adultas, que eram uma fonte de comida para as abelhas que vieram 48 horas depois, prontas para coletar néctar e polinizar a vegetação. Assim, tudo cresceu. Isso significa que Adão e Eva sabiam como o mel era feito. Dentro de poucos meses, teriam descoberto como o mel é saboroso. Esse é o adoçante orgânico original!

Eu me deparei com os escritos de um cientista ex-ateu que se converteu ao Cristianismo após ter estudado mais profundamente a abelha. Ele escreveu que esse conhecimento mudou sua vida para sempre. Em suas pesquisas, ele aprendeu como

as abelhas mais jovens produzem a cera para a colmeia. Flocos minúsculos de cera surgem em seus abdômens, produzidos por pequenas glândulas. Usando as pernas dianteiras, essas abelhas jovens raspam a cera, a mastigam até formarem uma bolinha macia e modelável, e por fim depositam essa bolinha numa forma que já foi fabricada por outras abelhas. Enquanto isso, outro grupo de abelhas trabalha para fabricar células em formato de hexágono, o qual acontece de ser o formato de engenharia mais eficaz—usa-se o mínimo de produto e se alcança o máximo de força. Que coincidência, não é verdade?

Quando será que as abelhas finalmente descobriram que o hexágono era o formato mais eficiente para servir de estrutura para a colmeia? Fico me perguntando quantas vezes elas tentaram um círculo, um quadrado ou um triângulo e a colmeia se despedaçou! Até que um dia, uma abelha engenheira disse: “Hu! Vamos tentar fazer um hexágono!” Meu amigo, elas não tentaram isso nenhuma vez, mas acertaram logo de primeira por causa do código genético complexo implantado nelas pelo seu Criador.

Como cada abelha descobriu que deveria voar, individualmente, cerca de 750 km para levar néctar de volta para a colmeia? Ali, outras abelhas já sabiam que deveriam processar aquele néctar e colocá-lo nas células hexagonais. Como elas descobriram que utilizando um sistema de ventilação conseguiriam secar o néctar mais rapidamente e convertê-lo em mel? Metade do enxame fica de um lado da colmeia e a outra metade do outro lado, todas elas batendo suas asas freneticamente para ventilar toda a estrutura e evaporar a água do néctar. Como elas descobriram isso? Como cada abelha especialista descobriu o momento e a temperatura perfeitos para tampar as células hexagonais, agora cheias de comida para os

meses do inverno? Como elas descobriram isso tudo?

Esse cientista e ex-evolucionista escreveu:

Isso tudo foi demais para mim. Eu me deparei com informação genética complexa. Se informação exige inteligência, então o processo que envolve acidentes aleatórios no decorrer de milhões de anos não poderia explicar a origem da primeira abelha. Para mim, a abelha se tornou uma doce revelação.⁵

Por meio de uma analogia extraordinária, Salomão ligou os pontos quando escreveu:

O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino... Filho meu, saboreia o mel, porque é saudável, e o favo, porque é doce ao teu paladar. Então, sabe que assim é a sabedoria para a tua alma; se a achares, haverá bom futuro, e não será frustrada a tua esperança (Provérbios 1.7; 24.13–14).

Não ignore algumas das verdades maravilhosas ensinadas por esses pequenos professores que Deus criou.

2. A Formiga.

Deixe-me destacar outro professor minúsculo. É um bichinho com o qual eu e minha esposa lutamos no último mês de setembro. Depois de 20 anos morando ali, nossa casa se tornou o local onde elas queriam morar também. Finalmente, conseguimos nos livrar delas.

Apesar de nenhum de nós querer formigas dentro de casa, elas possuem lições preciosas a nos ensinar. Abra sua Bíblia em Provérbios 6. Existem somente dois animais nas Escrituras que Deus nos mandou observar: os pássaros, conforme Jesus pregou em Mateus 6, e as formigas, conforme lemos

em Provérbios. E há bom motivo para isso. Veja o que a Palavra de Deus diz em Provérbios 6.6: *Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio.*

O motivo por que até o preguiçoso pode aprender com as formigas é que as pessoas em geral, mesmo sem qualquer equipamento sofisticado, podem notar como são persistentes, destemidas, organizadas e trabalhadoras. Na verdade, o preguiçoso nem precisa sair da cama para ver as formigas levando o resto da sua comida embora.

E aqui está o que observamos. Veja os versos 7–8:

Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio, prepara o seu pão, na sega, ajunta o seu mantimento.

Obviamente, Salomão tinha passado um tempo estudando as formigas.

Uma formiga consegue erguer 40 vezes o seu peso. Isso significa que, se nós tivéssemos esse tipo de força, ao invés de aprender a fazer baliza e arriscar não passar no teste para motorista, você poderia simplesmente sair do carro, pegar o veículo e o estacionar naquela vaga apertada.

Também sabemos que as colônias crescem e chegam a ter uma população de 4 milhões de formigas. Elas constroem suas moradias com sistemas complexos de túneis que conectam os vários compartimentos da colônia. Elas planejam e executam uma organização incrivelmente complexa que envolve construções de projetos, gerentes de projetos, serviços alimentícios, administração do lar e equipes de exploradores destinados a tudo, desde encontrar matéria-prima a comida para sobreviverem.

Foi essa complexidade organizada que surpreendeu Salomão. E ele faz a observação específica de que a colônia de formigas opera sem três indivíduos. Veja que as formigas não têm *chefe, oficial e comandante*.

Primeiramente, elas não têm *chefe*. Na língua hebraica, o termo *chefe* pode ser traduzido como *juiz*. Não há juiz na colônia de formigas. Elas não precisam escolher um ministro do Supremo Tribunal. E elas nunca tiveram que fazer isso porque não precisam de juízes, e elas não precisam de juízes porque nada precisa ser decidido, não há disputas.

Como não seria bom viver assim, não é? Sem processos jurídicos, sem tribunais, advogados, promotores, júris. Imagine chegar ao ponto de despedir todos os oficiais de justiça porque não precisamos mais deles! Vai ter com a formiga e sê sábio.

Em seguida, Salomão escreve que as formigas não têm *oficial*. A palavra carrega a nuance de alguém que escreve algo no sentido negativo de punição. E quem escreve algo de forma negativa e punitiva? Pois é, pode pensar no policial nas ruas e estradas que pode pará-lo e escrever algo de forma punitiva. Chama-se multa. Eu já vi uma dessas, mas eu não sou o tópico do assunto aqui!

Meu querido, você consegue imaginar uma sociedade composta por milhões de pessoas cumprindo suas responsabilidades, convivendo bem com os demais moradores, locomovendo-se sem placas de trânsito, radares e inúmeras leis, e sem precisarem de policiais?

Pense em quantos policiais não existem em sua cidade, todos eles incumbidos com a tarefa de manter a lei. Estamos cercados de leis, regras, ordenanças e de todos os oficiais necessários para nos manter na linha. Nenhuma formiga precisa ser

lembrada de que tem que seguir as regras e andar na linha.

Por fim, Salomão destaca que as formigas não precisam de um *comandante*. Conforme um erudito no Antigo Testamento e língua hebraica, o termo remete à ideia de um supervisor no sentido de encorajar os subordinados ao trabalho e louvá-los pelo trabalho que realizam.⁶

Não existe supervisor na colônia de formigas. Imagine só—as formigas fazem o que fazem sem um patrão para mandá-las trabalhar ou louvá-las quando trabalham diligentemente. Em outras palavras, ninguém precisa observá-las no serviço. Mesmo assim elas fazem seu trabalho, e o fazem dentro do prazo. Salomão escreve que elas cumprem com os prazos do verão e do outono.

Li um artigo de um homem que voltou para a casa na qual havia morado 20 anos antes. Ele bateu à porta e perguntou ao dono atual se poderia entrar e ver sua antiga casa. O dono respondeu: “Pode sim!” Quando subiu no sótão, encontrou uma jaqueta sua velha. Ele a vestiu e, quando colocou a mão no bolso, encontrou um recibo antigo para uma sapataria. 20 anos antes, ele tinha levado um par de sapatos até uma sapataria para consertá-los, mas tinha se esquecido de buscá-los. Só por curiosidade, ele decidiu ir até aquela sapataria. Ele entrou, entregou o recibo nas mãos do homem atrás do balcão e perguntou: “Meus sapatos estão prontos?” Sem dizer sequer uma palavra, o homem foi ao fundo da loja e lá ficou por alguns minutos. Depois voltou e disse: “Volte quinta-feira que vem!”⁷

Se pudéssemos expressar a ética de trabalho da formiga em apenas uma sentença, ela seria a seguinte: as formigas trabalham sem pressões, leis e incentivos externos. Ou seja, elas trabalham sem a necessidade de que outras formigas, quem sabe mais robustas ou vestidas em um uniforme, as mandem trabalhar. Além disso, elas trabalham sem

precisar que outras formigas as louvem por fazerem seu dever. Imagine esse tipo de ética no trabalho—nenhum incentivo, ameaça, regras, supervisor ou juiz.

Ainda há outro princípio que podemos observar aqui: as formigas focam tremendamente em comunicação e cooperação, trabalhando juntas para trazer a colheita para a colônia.

Enquanto lia alguns materiais sobre esse pequeno professor, descobri que o sistema de comunicação das formigas é formidável.

Por exemplo, quando as formigas saem em busca de comida, existe todo um processo que envolve comunicação. O caminho da exploração é marcado por uma determinada formiga. A formiga colheitadeira segue esse caminho. Porém, quando decide fazer um desvio e desbravar outra trilha, ela solta um complexo químico para marcar em que ponto da estrada ela se desviou do caminho original. Isso comunica às formigas seguintes que elas podem se desviar naquele ponto ali, caso desejem. Agora, se aquela formiga desbravadora e corajosa que saiu sozinha não encontrar nenhuma comida e voltar frustrada, ela retorna àquele ponto no qual se desviou e solta outro complexo químico que comunica a seguinte mensagem: “Rua sem saída!” Dessa forma, nenhuma outra formiga perderá seu tempo seguindo aquela estrada alternativa.⁸

Agora, se essa formiga desbravadora encontrar uma lagarta gigante demais que não consegue carregar sozinha, ela solta uma mistura química no ar que convoca a ajuda das demais formigas. E o detalhe mais incrível é este: quando outras formigas chegam, elas já sabem, por causa do composto químico, quais ferramentas precisarão e quantas formigas serão necessárias para transportar a lagarta para casa. Os cientistas têm descoberto pelo menos 80 compostos químicos diferentes que as formigas utilizam para se comunicar.

Deixe-me destacar outra verdade poderosa a partir desse pequeno professor: as formigas trabalham segundo o projeto criado por Deus. Ou seja, as formigas servem à colônia como formigas trabalhadoras, soldados, rainha e sentinelas. E cada uma faz seu trabalho sem ansiar subir de patente. Não existe promoção e competição. Não existe sentinela sonhando em ser a rainha que só come o dia inteiro e não faz mais nada... bom, além de botar 3 mil ovos por dia. Tipo, é moleza!

Deus projetou cada uma para fazer seu papel, assim como ele projetou cada um de nós no corpo de Cristo, a igreja, para desempenhar papéis específicos, utilizando nossos dons e talentos. Conforme o apóstolo Pedro escreveu:

Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém! (1 Pedro 4.10–11).

Percebemos aqui nessa passagem que o mais importante não é qual dom nós recebemos, mas qual dom utilizamos para beneficiar os irmãos. A questão é: use seu dom para o benefício dos outros. Isso acontece de ir contrário à nossa cultura, a qual ensina que tudo deve revolver em torno do “eu,” “meu” e “para mim.” Vivemos no mundo do *selfie*, ou seja, no mundo do “olha só o que estou fazendo agora!”

Eu li um artigo sobre a cultura do *selfie* que resume bem nossa sociedade egocêntrica. Conforme a notícia, 93 milhões de *selfies* são tirados todos os dias. Mil são postados no Instagram... a cada 10 segundos. Estamos

obcecados com nossas próprias vidas. Tudo gira em torno do “eu.”

Deixe-me oferecer um último princípio que nossos pequenos professores nos ensinam: formigas recusam ceder, desistir ou se acomodar.

Outro dia, li um artigo interessante intitulado “Interceptando a Entropia.” O pastor e autor do artigo destacou a lei da entropia, aquela lei fundamental na física de que todas as coisas tendem a se deteriorar. O pastor fez a seguinte analogia espiritual com a lei da entropia: como crentes, temos a tendência natural de ficar apáticos ou complacentes. Facilmente nos entregamos ao caminho que envolve menos dificuldade em determinada área da vida. Aprendemos a viver com uma medida de mediocridade.⁹

E isso é verdade, não é? Ao invés de caminharmos para frente, apertamos o botão do piloto automático. Ao invés de buscarmos excelência, nos contentamos com o ordinário.

Você já parou para pensar que o preguiçoso aqui de Provérbios 6 pode incluir o indivíduo que vive no piloto automático? Ao invés de buscar com afinco as prioridades devidas, ele se contenta com o medíocre. Seu lema de vida é: “O fácil é melhor. Não se preocupe demais com os detalhes.” Salomão diria: *Vai ter com a formiga... e sê sábio*. Posteriormente, ele ainda escreveria: *Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças* (Eclesiastes 9.10). O que é outra maneira de dizer: nunca ceda, nunca desista e nunca se acomode.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 07/10/2018

© Copyright 2018 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Jonathan Edwards, *Basic Writings*, selecionado e editado por Ola Winslow (New American Library, 1966), 33.

² *Ibid.*, 85.

³ Adaptado de David Atkinson, *The Message of Job* (IVP, 1991), 147.

⁴ Eric Miller, “Shock and Awe,” *Books and Culture* (setembro/outubro 2006), 22.

⁵ Editado de Tom Henningan, “A Sweet Revelation,” *Creation Magazine* (setembro de 1999), 48.

⁶ Bruce Waltke, *Commentary on the Book of Proverbs* (Eerdmans, 2004), 337.

⁷ John Ortberg, “Intercepting Entropy,” preachingtoday.com/audio n° 295.

⁸ Henningan, “Ants: Millimeter Messengers,” *Creation Magazine*, 2/09/2014.

⁹ Ortberg, “Intercepting Entropy.”